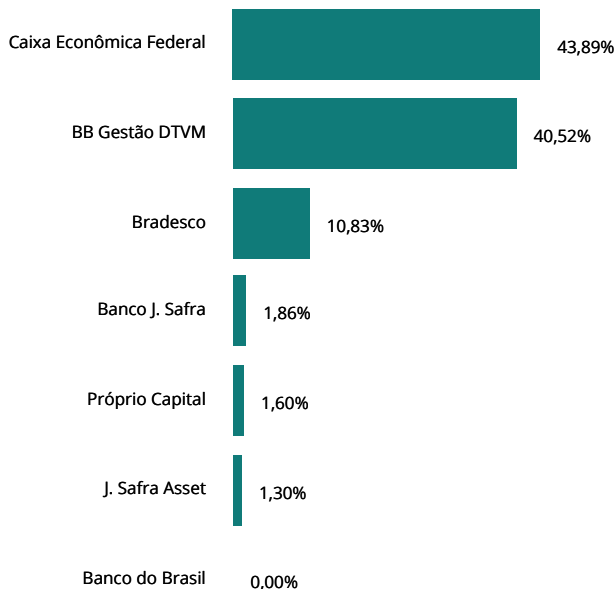
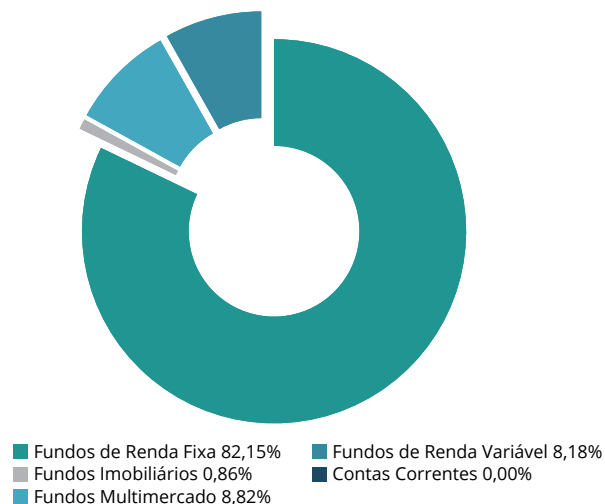
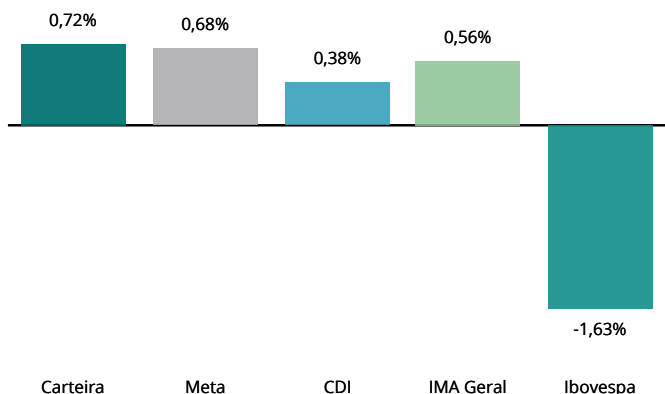
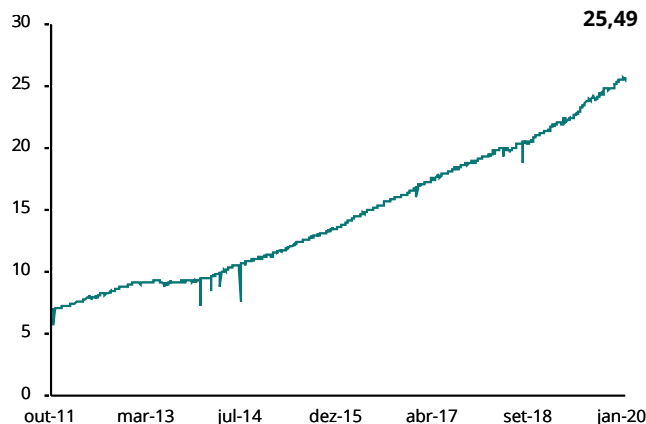


**ANGEPREV**

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA**

**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO**

**HISTÓRICO DE RENTABILIDADE**

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
<b>ANGEPREV</b>	0,72%	0,72%	13,22%
<b>META ATUARIAL - INPC + 6% A.A.</b>	0,68%	0,68%	10,51%
<b>CDI</b>	0,38%	0,38%	5,77%
<b>IMA GERAL</b>	0,56%	0,56%	11,08%
<b>IBOVESPA</b>	-1,63%	-1,63%	16,25%

**CARTEIRA X INDICADORES EM 2020**

**EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)**


## ANGEPREV

O ano de 2020 começou de forma intensa, em meio a ataques bélicos e trocas de ameaças entre os Estados Unidos e Irã, e surgimento de um novo coronavírus com potencial de afetar a economia em escala global. Em meio a tanto agito, eventos importantes como o Brexit e a assinatura da primeira fase do acordo entre Estados Unidos e China acabaram surtindo pouco efeito nos mercados ao redor do mundo. Aqui no Brasil, o mês contou com poucos acontecimentos relevantes, de forma que o mercado interno se voltou mais para o que estava ocorrendo no exterior.

O ataque dos Estados Unidos que matou o general iraniano Qasem Soleimani, logo nos primeiros dias do mês, fez com que o país islâmico promettesse uma resposta à altura, o que abalou fortemente os mercados no período. A retaliação se concretizou através do lançamento de 22 mísseis a uma base americana no Iraque, causando destruição, mas nenhuma morte. Nesse ínterim, houve preocupação de um escalamento do conflito entre os dois países, o que imprimiu volatilidades nas bolsas de valores. Felizmente, a situação se encaminhou de maneira menos hostil e foi gradativamente sendo esquecida pelos mercados.

Na metade de janeiro, os EUA assinaram a primeira fase do acordo comercial com a China, que já havia sido fechado no mês anterior. Com o acordo assinado, os temores de uma continuidade da guerra comercial entre os dois países praticamente cessaram, já que ambos concordaram em fazer encontros periódicos para tratar de possíveis conflitos e divergências, provenientes ou não do acordo.

Já em relação à economia do país, os dados dos Estados Unidos divulgados em janeiro continuaram indicando sua força, com um aumento do Índice de Gerentes de Compras (PMI) composto para 52,7 pontos em dezembro e um crescimento no PIB de 2,3% no ano de 2019. Com isso, o Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC) decidiu pela manutenção das taxas de juros, dando ênfase em seu comunicado a esse bom desempenho da economia local.

A China começou o mês com novos anúncios de estímulos econômicos por parte de seu governo. Isso se deve a uma desaceleração da economia, apontada por indicadores como o PMI composto, que experimentou leve queda no mês de dezembro, a 52,6 pontos, e o PIB de 2019 que apresentou crescimento de 6,1%, o menor em 29 anos. O anúncio do Banco Popular da China de que reduziria as taxas de reservas obrigatórias dos bancos nacionais tentou responder a esses dados e estimular o crescimento do país.

No entanto, janeiro terminou de forma dramática no gigante asiático, com o anúncio do surto de um novo coronavírus, também chamado de vírus de Wuhan. Esse novo parasita acabou por se tornar o maior fator de volatilidade nos mercados, inclusive no caso brasileiro, pelo receio de ele causar prejuízo ao crescimento da China, uma gigante da economia global.

Com a descoberta do novo vírus, e os anúncios subseqüentes sobre a transmissão da doença, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou emergência global, enquanto o governo chinês aplicou diversas medidas na tentativa de conter sua propagação, dentre elas o isolamento de duas cidades possuidoras de grandes focos de contágio. A seriedade com que o patógeno passou a ser tratado ajudou a acalmar o mercado, mas, ainda assim, causou uma revisão para baixo das expectativas de crescimento do país para o ano de 2020.

Em relação à Europa, a grande novidade que o mês trouxe foi o tão esperado desfecho do Brexit, que ocorreu no dia 31. A saída do Reino Unido da União Europeia se deu com acordo, o que aliviou os mercados da região, que receavam a possibilidade de a separação ser feita de forma desordenada.

Outro fato relevante na Zona do Euro foi a reunião do Banco Central Europeu (BCE), na qual foi decidida a manutenção das suas taxas de juros nos níveis baixos em que já se encontravam, assim continuando a tentar estimular a economia local, que seguiu apresentando sinais de baixo crescimento.

Aqui no Brasil, o atrito entre os líderes dos Estados Unidos e do Irã no início do mês afetou bastante o preço do petróleo, reacendendo o debate sobre o que o governo poderia fazer para que o Brasil não ficasse vulnerável a esses movimentos bruscos. A principal solução que estava sendo estudada veio do Ministério de Minas e Energia (MME), que idealizou a criação de um fundo onde o montante "extra" arrecadado com a exploração de petróleo (em relação ao previsto pelo Orçamento da União) seria guardado para servir como compensação em altas bruscas no preço da commodity.

Próximo ao final do mês, ocorreu o Fórum Econômico Mundial em Davos, que contou com a participação do ministro da Economia, Paulo Guedes. Durante o Fórum, foi anunciada a entrada do Brasil no Acordo de Compras Governamentais (GPA, em inglês), o que abriu a possibilidade de empresas estrangeiras participarem de licitações e concorrências públicas no mercado brasileiro. Dessa forma, se têm mais transparência nos editais e processos licitatórios, além de tornar mais difícil a prática de cartel ou de corrupção aberta em tais processos.

## ANGEPREV

O presidente Jair Bolsonaro, que preferiu se abster de ir ao Fórum Econômico, realizou uma visita à Índia, onde foi o convidado especial para o dia da República. Em sua viagem, Bolsonaro assinou tratados sobre previdência, segurança, investimentos e tributos, além de apresentar propostas de parcerias com o país indiano. Dentre as principais propostas, o maior destaque foi a iniciativa do MME de estabelecer uma parceria com a finalidade de tornar o etanol uma commodity global, já que ambos os países são grandes produtores de cana-de-açúcar, matéria-prima para o combustível.

Em relação a indicadores econômicos, as divulgações que ocorreram durante o mês foram ambíguas no que concerne ao estado da economia brasileira. O mês começou com os resultados das pesquisas mensais de comércio, serviços e indústria de novembro frustrando o mercado, o que reduziu as expectativas de crescimento do produto para o ano de 2019. No entanto, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) — considerado uma prévia do PIB — surpreendeu positivamente, ao apresentar uma alta de 0,18% em novembro em relação a outubro, enquanto as expectativas eram de um resultado negativo.

Quanto ao emprego, forte indicador da situação econômica, os dados divulgados foram melhores do que a expectativa. A redução do número de postos de trabalho que sempre ocorre no mês de dezembro veio menor do que se esperava, apresentando fechamento de 307 mil vagas, frente ao encerramento projetado de aproximadamente 320 mil vagas. Já a taxa de desemprego caiu para 11%, resultado antecipado pelo mercado, mas que ainda assim foi positivo, por ser 0,6 ponto percentual menor do que a do mesmo mês no ano anterior.

Já os dados divulgados da balança comercial do Brasil em 2019 denunciaram o fraco desempenho do comércio exterior. Apesar de ter terminado o ano com superávit de US\$ 46,674 bilhões, o saldo da balança foi o menor desde 2015, quando foi de US\$ 19,512 bilhões, e representou uma queda de 20,5% frente ao ano de 2018. A razão pela qual esse saldo foi considerado ruim, é que sua redução se deu através de uma diminuição das exportações, reflexo principalmente do conflito comercial entre Estados Unidos e China, crise da Argentina e desaceleração global, observados durante o ano.

Em relação à parte fiscal, tanto o Resultado Primário do Governo Central, quanto a arrecadação federal, apresentaram motivos para otimismo, vindo no ano de 2019 em seus melhores níveis desde 2014. O Resultado Primário fechou o ano com déficit de R\$ 95,065 bilhões, bem abaixo da meta do governo (R\$ 139 bilhões), o que não só beneficia a economia do país como melhora sua imagem no exterior. Já a arrecadação no ano foi de R\$ 1,537 trilhão, vista como positiva por apontar para a retomada da atividade econômica, já que esse aumento se deu pela maior arrecadação de impostos sobre produção, renda e consumo.

Dada essa conjuntura, com alguns indicadores ainda fracos e acontecimentos externos pontuais afetando fortemente o mercado de forma negativa, os investimentos não apresentaram um desempenho muito animador em janeiro: a renda variável fechou o mês com perdas, e a renda fixa com poucos ganhos.